ANO 7.º — Sexta-feira, 19 de Junho de 1914 — NUMERO 327

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)
Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇAO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA
Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José dá Silva, Praça Luís de Camões

Basta! Basta!

—(*)—

A' hora que escrevemos amontoam-se no horisonte politico pesadas nuvens, que se acumulam assustadoramente fazendo antevêr violenta tempestade se o vento não rondar para qualquer ponto mais seguro, limpando a atmosfera de todos esses ameaçadores sinaes e trazendo de novo ao assustado observador dessa tormenta a tranquilidade que lhe é indispensavel, e ao país inteiro para a luta e para o trafego de todos os dias.

O agravamento que nestas ultimas horas tem sofrido a politica nacional, produzida e mantida com uma inconsciencia verdadeiramente criminosa, nada ha que o justifique mesmo que seja invocado o ridiculo motivo que por si só é o bastante para irritar as susceptibilidades dos que atravez de tudo pretendem escalar o poder—as eleições!

Dividida profundamente a familia republicana com a falsa invocação da necessidade de estabelecer correntes politicas que se contrabalançassem na administração publica e na marcha governativa, eis que nos aparecem chefes a rôdo, com pomposos rotulos defenindo as suas forças e os seus programas.

Encorporados nesses partidos elementos que sempre foram manifestos inimigos do regimen republicano, sem principios e sem fé nas atuaes instituições, produzem forçosamente no campo onde se encontram os resultados nocivos que todos os dias estamos observando, mais parecendo na prática constante de taes acontecimentos o firme proposito de comprometerem a nova fórma de govêrno.

Concordâmos plenamente que se discutam todos os casos respeitantes á administração publica e á conservação intacta da moralidade do regimen, uma das suas mais indispensaveis qualidades, mas o que não permitimos seja a quem fôr, é a perda do respeito devido aos altos interesses do país e á consagração que exigem as atuaes instituições.

Acima de todos os sentimentos, de todas as razões que possam ser invocadas em qualquer circunstancia, coloquem os altos interesses da Patria, evidenciando em primeiro logar as suas convicções e os seus principios republicanos. Assim, empenhados nestas lutas mesquinhas e improprias de quem se apresenta apto e habilitado a dirigir a nação, agravadas com a fórma desbocada e condenavel como se tratam assuntos e infelizmente discutem pessoas, estão dando o mais desgraçado exemplo da fraqueza das suas razões e da justiça das suas causas.

E para muitos que se declaram ao lado dos chefes, decidida e incondicionalmente; para muitos dos que vão na vanguarda do escandalo, blasonando da necessidade da defêsa integral dos seus partidos, para esses, falsos republicanos, comprometendo a situação com exageradas intransigencias—esses, no intimo, sentir-se-ão regosijados com a sua obra de fingidos patriotas, esperando, ao fim, a *débacle* sonhada.

Pois não temos aqui *republicanos* maldizendo a Republica?

Não os temos entre nós, blasonando dos seus principios, não se descobrindo ao hino nacional, e auxiliando todas as demonstrações reaccionarias, revoltando-se contra as exigencias da lei que regula o culto, etc., etc.?

O que são essas creaturas de facto?

Monarquicos cheios de odios contra o regimen, mas dizendo-se odavia seus adeptos para melhor servirem os seus intentos e paixões.

A opôr, felizmente, a todas essas provas de tão sensivel falta de tino, temos a ponderação do país inteiro, do país que quer ressurgir, que sente em todos os meios novas energias, mas que exige a paz e a tranquilidade indispensaveis para o seu progresso e trabalho.

Bem, muito bem e proficuo seria se todos esses valentes de lingua e de penna, á mistura com vários Ferrabrazes de Alexandria, ouvissem de perto e claramente os comentarios que por toda a parte surgem a proposito de todo esse borborinho que mais parece de rapazes impensados e inexperientes do que de homens sobre quem recáem, hoje, grâves e transcendentes responsabilidades de mistura com muitos cabelos brancos que não são, por cérto, indicadores da juventude e da leviandade!

Aos chefes, supremos dirigentes desses irrequietos apaixonados pelas suas qualidades de *sport* e de destreza, cabe dar o exemplo da cordura e de sensatez, sendo os primeiros a demonstrar a devida compreensão pelos altos e sagrados destinos da Patria e do regimen, que não pódem estar á mercê destas tristes e ridiculas contingencias!

Atendam ao clamor unisono de condenação dos atuaes processos politicos que todo o país levanta. E não nos obriguem a pensar na conveniencia ou na necessidade em que o colocam de ter de correr com os que tanto estão comprometendo os interesses nacionaes, que é como quem diz a honra da Republica pela qual sacrificâmos, sem a mais leve vacilação, tudo que neste mundo nos possa ser caro...

Basta de comedia!

LIBERDADE DE IMPRENSA

Por terem sido impedidos de circular dois pasquins monarquicos que em Lisboa se publicam com os titulos de *Diario da Manhã* e *Dia*, pasquins onde a Republica é constantemente infamada e os homens que dedicadamente servem as instituições tratados com acrimonia, logo o sr. dr. Jacinto Nunes, no Congresso, censura o procedimento do govêrno por permitir ás autoridades que assim procedam, o que se já não estranhamos, tantas teem sido as provas de *cortezia* dadas aos adversarios por esse e outros deputados, nos faz, contudo, enervar deante de tanta posilaminidade por parte daqueles que tinham obrigação de zelar melhor a honra do regimen não o enxovalhando nem deixando que individuos sem autoridade moral contra ele desalmadamente se insurjam em manifestações de rancor, como vem acontecendo com os pasquins citados de ha um cérto tempo para cá.

A Republica tem que defender-se. E mal vai ao govêrno, mal vai aos republicanos se consentirem impunemente que nos espiritos entre o veneno dimanado da vasa que o géra e espalha, quedando-se deante de tanta ousadia. Disse o sr. Bernardino Machada no parlamento que a Republica e o govêrno não precisam nem pódem tolerar a fiscalisação dos jornaes monarquicos, acrescentando que estes é que reclamam uma rigorosa fiscalisação. E' a boa doutrina com a qual estamos de pleno acordo. A monarquia é coisa que não mais póde existir em Portugal. Caíu de pôdre. Afundou-se em lama, desacreditada pelos mesmos que hoje a exalçam e que nem um gesto de ensaio fizéram, sequer, para a salvar na hora do perigo. Os cobardes! Os poltrões! E que assim é, deduz-se ainda das palavras do sr. Bernardino Machado, na câmara, quando, em resposta ao sr. Jacinto Nunes, afirmou: *De resto, em Portugal não ha opinião monarquica, como não ha jornaes monarquicos. Os que para aí existem são pasquins, mais nada.*

Os antigos monarquicos que eram honrados ou estão com a Republica, ou manteem-se indiferentes. Os que se apresentam como monarquicos combatentes não são mais do que uma mesquinha minoria de cretinos e imbecis, que fazem da conspiração e do snobismo, modo de vida e profissão reudosa. O despejo desses jornaes que se dizem monarquicos reclama repressão. Hão de te-la, portanto, como merecem.

Assim falou o presidente do ministerio. Cumpre agora aos republicanos acompanha-lo, dar-lhe força, não para que exerça violencias injustas, que somos dos primeiros a reprovar, mas para que meta na ordem a sucia realenga *que faz da conspiração e do snobismo modo de vida e profissão rendosa.*

Aos nossos assinantes de S. Thomé

a quem enviámos á cobrança os recibos de *O Democrata* **pedimos, afim de nos evitarem novas despêsas, o obsequio de os satisfazere mlogo que sejam apresentados, o que muito agradecemos.**

ACACIO SIMÕES

Chegou ontem a esta cidade, que visita pela primeira vez, e onde se demorará só até ámanhã.

Acacio Simões regressa de Angola e dirige-se á terra da sua naturalidade, no concelho de Alfandega da Fé, afim de passar junto dos seus algum tempo como direito tem quem por um trabalho honrado e persistente a tanto se expoz no torrido clima africano.

Estreitâmo-lo num intimo e afectuoso abraço.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie, e portanto o não deixem de receber.

REMEMBER

A "jornada dos papoilinhas,,

Lembram-se? Foi ha cinco anos, fa-los ámanhã. No Porto organisou-se um comboio especial para conduzir a esta *linda* e *hospitaleira* cidade dos canaes, a Veneza luzitana, uma excursão de republicanos presidida por Alfredo de Magalhães, Pereira Osorio e Padua Corrêa, a qual se propunha confraternisar comnosco, o grupo de republicanos de Aveiro, que para isso havia deliberado receber os visitantes com demonstrações festivas, indo aguarda-los á estação e em sua honra promover um passeio na ria, em barcos embandeirados, donde eles pudéssem colher impressões dos muitos encantos que ela tem e são justamente apreciados por quantos se dignam passar por esta região docemente bafejada pela brisa do Oceano.

Tudo, porém, foi prejudicado. A autoridade, além de não consentir manifestações na via publica, para o que até do Porto mandou vir uma força de cavalaria da Guarda Municipal, que aí se fartou de nos provocar, deu ordens, as mais apertadas, no sentido de tirar todo o brilhantismo ao passeio fluvial chegando o Conde de Agueda, então governador civil do distrito, a fazer as mais estromboticas ameaças caso fossem desrespeitadas as ordens que se permitia transmitir, com ares arrogantes de fidalgo de pechisbeque, da sacada do Hotel Cisne onde tinha instalado o quartel general para esmagar... a hidra, que tanto o apavorava. Deram-se ainda alguns incidentes, como era natural deante de tanto pulhismo e de tanta infamia; alguns correligionarios nossos chegaram a ser presos e levados no meio da cavalaria para o quartel de Sá por terminantemente se oporem a desembarcar no sitio que a figura exotica do conde tinha determinado que desembarcassem, á vinda da Gafanha, mas á noite tudo serenou após a retirada dos excursionistas e o terem sido restituidos á liberdade os *criminosos* que não quizéram acatar a intimação disparatada e supinamente estupida do delegado do govêrno.

Depois, depois veio a critica dos jornaes *monarquicos* (?). Traze-la para aqui toda seria fastidioso. Basta que os nossos leitores conheçam, por exemplo, a do orgão de Barbosa de Magalhães, tambem conhecido por *Camaleão* ou *Trapalhão das Provincias*, que, publicando-se tres dias após a visita dos portuenses, assim dizia:

«A *demarche* dos preclaros... sonhadores que do Porto viriam implantar a republica em terras da Beira-mar, foi um desastre. Foi um desastre em toda a linha.

A cidade fez-lhes vêr, aos ilustres reformadores da patria amada, pela eloquente maneira porque aí patenteou a sua **inquebrantavel fé monarquica**, que os ventos não correm de feição para aventuras.

Viriam, os homens da *papoila*, em romagem de propaganda, *certos, seguros de que uma grata impressão lhes ficaria do passeio, dando ensejo a novas incursões, e do interesse com que a cidade os aguardava. Os mais valiosos povoados do distrito mandariam representantes ao recebimento. Seria por cérto explendido o aspecto da flotilha em gala abalando ao longo dos canaes, ao som das musicas, rumo á pitoresca Gafanha, cujos acolhedores pinheiraes* (rentes ao mar) *aguardavam com suas sombras os excursionistas...*

Isto diziam os cartazes anunciadores chegados da cidade da Virgem, em cujo seio se abriga gente a quem a posteridade reserva a gloria, e as luctas da vida guardam logar... na côrte do céu.

Que o reino dos céus não é só para os santos, para os felizes; os martires tambem lá teem quinhão como qualquer bemaventurado, e ninguem dirá que os ilustres republicanos do norte não sejam uns bemaventurados e uns martires...

Se foi por amor da patria que eles concebêram a peregrina ideia de fazer da papoila um simbolo e de trazer á terra dos ovos moles as gentes... **de tamanca** que aí vimos!

E que imaginação viva, que cébrebro bem organisado o seu! O que déram désta vez, foi raia. Foi grande, grauda raia.

Incomodar tanta gente para uma romaria politica que não podia terminar bem, como a esta sucedeu, é pouco perspicaz.

Julgou-se toda aquéla boa gente, após a *democratica merenda*, em país conquistado, e veio, rio abaixo, em alarido subversivo, desobedecendo ás instruções recebidas. A' chegada recolheu, em parte, como era natural, com guarda de honra, ao quartel.

Curta demora ali teve, e pena foi, para maior martirio do corpo e a desejada gloria do nome...

Déram raia as gentes republicanas do norte. Nem a cidade as recebeu como se extremaria em fazêl-o se houvéssem vindo sem o rotulo que traziam, nem dos diversos pontos do distrito viéram mais que a meia duzia de individuos que se viram.

E' falso que aí se juntassem mais de 800 pessoas; é falso que ao comicio assistissem mais de 200; e é ainda falso que á chegada do rancho, durante a sua permanencia aqui, ou á sua partida se lhes désse palmas ou fizésse ovações. Pódem os srs. republicanos dizer e escrever quanto a imaginação lhes leve ao bico da penna. A verdade, a unica verdade é esta.

Louvem a Deus, entretanto, ter ficado por uma simples detenção de momentos a ousada aventura. Bem peior lhes podia ter corrido.

O que lhes ficará, crêmos nós, é de escarmenta. Não voltarão, decerto. Não terão mais vontade de voltar.

Isto é terreno refractario á semente jacobina. Não pega nem pelo diabo. Disso se convenceram os romeiros pelo que viram por seus proprios olhos. Por isso não voltarão.»

A verdade com que a corja falava; as convicções com que nos papeluchos se escrevia, viu-se dentro dum ano. A Republica foi proclamada. E *isto*, que *era terreno refratario á semente jacobina* transformou-se como que por encanto, recebendo logo a seguir tambem, uma grande parte dos *romeiros*, de 1909, numa nova volta, a consagração dos mesmos que na vespera pretenderam escoucea-los!

E não querem que lhes chamemos farçantes. E não querem que lhes chamemos pulhas.

Pois poderá haver terra onde os haja mais completos?

UM DEPOIMENTO

Ha dias publicou o aluno da faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, sr. E. F. Gomes Tomé, um artigo na *Voz da Justiça*, da Figueira da Fóz, que fez sensação, pelo assunto abordado, pois que nele recolhe as opiniões do eminente professor de finanças sr. dr. Marnôco e Souza ácêrca do *superavit* e da contribuição predial.

Diz assim o estudante Gomes Tomé:

«O meu professor na Universidade de Coimbra, dr. Marnôco e Souza, um dos espiritos de mais claras vistas que por cá desabrocharam na aula de finanças, afirmou textualmente: *que o superavit é um facto, e que nada, absolutamente nada do que para aí se tem escrito, lhe provou ainda com razões scientificas que ele não existisse. Tudo o mais são processos de exploração partidaria que o espirito politico póde aceitar mas que aqui não podemos admitir.* E noutra lição, a proposito da contribuição predial, acrescentou que *a campanha feita contra essa lei foi inadmissivel e injusta.* Isto disse um lente da nossa primeira Universidade, conhecido no estrangeiro como um legitimo homem de sciencia, ex-ministro do regimen deposto e pessoa preponderante e sempre ouvida entre a gente monarquica outr'ora. Todos os republicanos, mesmo esses que desnortearam para mais sofregamente servirem os seus odios e ambições, devem lêr com orgulho aquélas palavras que veem apoteoticamente erguer bem alto a obra de regeneração moral que a Republica encetou. Que fiquem na estrumeira os que, cégos por um odio danado, com as suas parvoiçadas, ajudam no frete a récua monarquica. Esses que fiquem no outro campo, mas claramente, sem cobardias, para que todos nós os conheçamos e se saiba na hora de apurarem as responsabilidades quem deve responder por todo esse banditismo que anda apregoado nos gestos e nas palavras da canalha que ostenta insolentemente uma provocadora estupidês. As palavras do sr. dr. Marnôco e Souza devem fazer em certa gente o efeito do vinagre nas mataduras... Quasi adivinho que o hão-de alcunhar de... financeiro de segunda classe, naturalmente porque ele nunca recebeu faisca do genio do sr. Moreira de Almeida... um financeiro *tão pratico* que até esteve ao abrigo do Codigo Penal. Pelo que se vê, ésta gente não assusta: féde.»

E então nós havemos de eternamente aturar-lhe o cheiro?

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

Figuras de... passar

Com este sugestivo titulo publicou um dos mais conceituados diarios do norte, uma resumida lista dos nomes e das façanhas que neste momenta praticam quantos pretendem fazer acreditar, não só na sinceridade das suas convicções, como ainda na fantastica força do não menos fantastico numero de adeptos da, para sempre morta, monarquia!

Convençâmo-nos duma vez para sempre: a restauração monarquica é material e absolutamente irrealisavel dentro do nosso país por a ela se opôr, como se opõem, todos os principios politicos, sociaes e historicos!

Foi arvore tão completamente arrancada que não deixou na terra a mais pequena raiz, que possa, sequer, causar receio de aparição do mais raquitico e inviavel rebento!

E todavia ela serve de pretexto e de mote para os que, á sombra do seu passado, glosam futuras desgraças para o regimen, empregando retumbantes vacabulos e vários adjectivos de resonancia; blasonando fundos arrancos de dedicação doentia, disfarçados em patriotas ardentes, de nariz postiço dum liberalismo e dum pundonor sem egual, disfarce que, conseguindo garantir-lhe a venda dos pasquins donde provém o pão que resulta das suas infamias, não impede, contudo, que nós outros os exibâmos, trazendo-os pela gola do casaco até onde os possamos mostrar aos olhos de quantos, como bons portuguêses, precisam de conhece-los e... avalia-los.

Assim temos tres—só tres—pois a este numero, se os almas danadas que resumem todos os instantes, á sombra de todos os pretextos fantasticos ou reaes, apregoam a queda das instituições, a bancarrota, a perda das nossas colonias, o exterminio, emfim, da nossa independencia, da nossa autonomia!

E a dentro desta tão profundamente indigna tarefa, empenhados em tão repugnante missão—lá vimos a réles trempe, numa ancia enorme, avolumando as suas infamias para que dessa grandeza mais se avolume o proveito, vendendo assim alguns centos de exemplares a mais dos reles pasquins.

De mãos dadas, confundindo diabolicamente a *dignidade* dos seus carateres e a elevação dos seus sentimentos, lá os vemos—Moreira de Almeida, Cunha e Costa, José de Arruela—uma ou outra vez acolitados por *politicos* dos mesmos escrupulos, lá os vemos, diziamos, na ingloria disputa da invenção das mais baixas calunias, das mais repugnantes mentiras.

Moreira de Almeida—o miseravel que após a proclamação da Republica logo se ofereceu para a sua defeza e que durante o periodo da dissidencia progressista mais hinos entoou em prol de todos os principios e revindicações que hoje maldiz e condena; esse miseravel a quem o regimen repudiou toda a dedicação e serviços que ele fazia acompanhar do respectivo preço a principiar por a elevação do seu consulado a 1.ª classe com a estada, porém, da sua pessoa, em Lisboa; esse miseravel que autoridade terá para escrever o que escreve, feito *vitimo*, feito heroe?...

Cunha e Costa, desde os seus tenros anos, é demasiadamente conhecido entre nós.

Ha bem pouco aqui registamos um pequeno resumo das suas mais notaveis *nuances* politicas e publicas. Numa inversão de circunstancias talvez que ele nos não poupasse na nossa vida particular ainda que sobre ela, de verdade, nada pudésse citar que nos ferisse. Sobre esse ponto, todavia, nem tentamos, sequer, erguer a mais insignificante ponta do véo que encobre toda uma tragedia, que apavora e revolta. Como pensou *salvar* a Republica, com a mesma facilidade com que ele a si chamava a autoria das suas melhores leis, essa creatura, que com o seu aparente apoio ao partido republicano provocára entre ele os maiores desgostos e esboçou grâves dissenções, sentindo reduzir-se a sua inegualavel valdade, ao mesmo tempo que se desfaziam os seus melhores sonhos de ambicioso sem escrupulos—pôz de parte disfarces que já eram inuteis e escancarou a alma tenebrosa que já não precisava de embustes!

Aí o temos num esforço de *clown* alquebrado e gasto pela constante exibição dos seus trabalhos, tentando arrancar aplausos á obra que lhe rende os miseros dinheiros iguaes em toque áqueles que Judas recebeu, diz a lenda, para vender Cristo!

Temos ainda José de Arruela, o fogoso advogado na defêsa dos republicanos perseguidos pela monarquia—tambem republicano, patriota, ardente defensor da Liberdade!

Saudando o triunfo da revolução de 5 de Outubro em carta que o diario lisbonense, *O Mundo*, publicou, carta enviada de Paris onde José de Arruela se encontrava e onde tambem procurou o nosso querido amigo Magalhães Lima, para o saudar pela proclamação da Republica.

Como esta tambem não se apressou a retribuir tanta *dedicação* com premio equivalente e rendoso, desapareceram as convicções do conspicuo e ardente apostolo demagogo que apenas teve o encomodo de voltar... o casaco, armando agora em entusiasta paladino da monarquia no famoso *Diario da Manhã* que meia duzia de grandes talassas e ricas canastras, sustentam com as suas quotas mensaes.

E desta inconfundivel trindade provém toda essa grita que nem aos mais simples incautos vai fazendo móssa, tanta vez as mentiras, sobre que arquitétam diariamente os seus argumentos, são esmagadas e destruidas pela luz resplandecente da verdade!

Nem o auxilio, nem o reforço lèvado por quantos, como eles, embora em plano inferior neste momento, pretendem fazer vingar as suas ambições de aristocratas de pechisbeque ou de intelectuaes de contrabando!

Referimo-nos a uma figura entre nós bem conhecida, a quem o partido republicano local deve nas suas horas de amargurada luta, a mais desleal e feroz perseguição, mas que meia duzia de dias após o seu triunfo, veio, na mais viva e publica demonstração, aderir com todo o desinteresse e sinceridade ao novo regimen, que Conde de Agueda, estão a vêr, esse *aristocrata* a direitos de mercê pela compra do azulado para o seu sangue, reconhecia como unico compativel com as aspirações do país, resultado fatal dos erros do regimen morto, da luta sincéra, patriota e honesta dos apostolos da nova Ideia!!!

Mas... não resultando do seu acto mais do que o proprio acto em si... ei-lo, o desinteressado e leal aderente á Republica, o *dedicado* português, que acima de tudo punha o seu patriotismo, renegando por isso todos os seus serviços á monarquia, o seu condado, o azul do seu sangue, os seus velhos pergaminhos tradicionaes de familia, tudo, tudo, outra vez no campo donde veiu, esquecendo a sua *dedicação* e *desinteressada* filiação no partido republicano, a elevação dignificadora e grande da revolução, para estar de mistura com o Cunha e Costa, o Moreira de Almeida, o José de Arruela e tantos outros de igual caracter, pedindo que se organisem, que se esforcem á uma para a restauração do que ele ha bem pouco afirmava ter morrido para sempre pelos seus crimes e pelos seus erros!

E na força moral destes individuos, na elevação de sentimentos e de caracter destas creaturas se resume toda a importancia e valor na defêsa dos que pretendem fazer acreditar que a monarquia se restabelecerá, na esperança de que esta lhe encha a barriga e a vaidade que a Republica não atendeu!

Mas se o milagre fosse possivel e os seus serviços fossem devidamente premiados e as suas intenções justamente apreciadas pela monarquia, como a Republica fez, eles tornariam a evidenciar a sua dedicação, desinteresse e lealdade por esta a vêr se pegariam as bichas...

Que bando, que sucia de miseraveis!

Só Portugal é que tolera puritanos de tal jaez...

OS "RANCHOS,,

Foi muito aplaudido em Lisboa por ocasião da sua estada ali, na semana finda, o *Rancho de Tricanas das Olarias*, de que é ensaiador o sr. Firmino Costa.

Segundo nos consta está em via de reorganisação o *Mocidade Aveirense*, de que fazem parte esbeltas patricias nossas e cujos ensaios, se ainda não principiaram, estão prestes a isso.

Atitudes

Estranha o *Progresso*, orgão evolucionista désta cidade, o *mutismo eloquente* do *Democrata* quanto á questão das aguas de Rodam, ultimamente ventilada no parlamento querendo vêr nele um motivo que o determina a supôr que realmente se trata dum *grandissimo escandalo*.

Já que o jornal do partido do sr. Antonio José de Almeida assim o deseja, não temos duvida em declarar-lhe què sobre o assunto ainda estamos para fazer o nosso juizo. Acha-se envolvido no caso o deputado democratico, sr. Antonio Maria da Silva, pessoa de quem sempre ouvimos fazer as melhores referencias como homem honésto e politico de são critério. Por outro lado temos visto que tanto o evolucionismo como a facção Brito Camacho não pensam noutra coisa que não seja difamar o partido democratico aproveitando para isso todos os ensejos de colaborarem com os inimigos da Republica na desordem e na anarquia que estes pretendem estabelecer em Portugal, visto que para mais são impotentes, a mais não pódem chegar.

A questão do sr. Antonio Maria da Silva parece-nos que está liquidada honrosamente para ele desde que em pleno Parlamento declarou que, nem por pedido nem por qualquer outra fórma, deligenciou o deferimento do requerimento que *em 1907* dirigiu ao *ministro das obras publicas do regimen deposto* sobre a concessão das aguas á roda da qual tanto barulho se tem feito. De mais, estando o caso entregue ao estudo dos tribunaes e tendo o govêrno, em ultima instancia, de se pronunciar tambem ácêrca dele, não nos é muito licito intervir antes de o vêrmos solucionado com aquele patriotismo e independencia que é de esperar dos atuaes ministros da Republica, sem duvida mais competentes do que ninguem para avaliarem da honestidade do negocio e intenções das personagens que lhe andam adstrictas. Aqui tem o *Progresso* a causa do *mutismo eloquente* que nos atribue quanto ao chamado *escandalo do Rodam*. E como queria que a nossa atitude fosse outra se o espirito de facção, que tudo corrompe, não nos deixou vêr com nitidez, logo de começo, o assunto de que se trata?

Junta Geral do Distrito

Reuniu no sabado sob a presidencia do sr. dr. Marques da Costa e com a assistencia dos vogaes Arnaldo Ribeiro, secretario, dr. Samuel Maia e dr. Sampaio Duarte a comissão executiva da Junta Geral, que depois de lida e aprovada a acta da sessão anterior tomou conhecimento do expediente e do balancête do tesoureiro acusando um saldo de 347$76.

Dos orçamentos para o ano economico de 1914-1915, que déram entrada na repartição, aprovou os das seguintes irmandades: do Sacramento, de Valmaior e da Senhora das Neves, de Angeja, concelho de Albergaria-a-Velha; de S.ª Mafalda, da vila e concelho de Arouca; da Senhora da Saude, da Costa Nova e da Senhora da Encarnação e Almas, da Gafanha, concelho de Ilhavo; do Senhor, da freguezia de Barrô, concelho de Agueda; de N. S. da Apresentação, do logar de Vimieiro, freguezia de Casal Comba, concelho da Mealhada e o suplementar das Almas, de Ois da Ribeira, concelho de Agueda.

Por proposta do vogal Arnaldo Ribeiro deliberou ainda a comissão executiva suspender todas as dádivas de generos alimenticios que a secção feminina do Asilo distribuia diariamente ás familias de creanças que se dizia pertencerem á *Créche Edmundo Machado*, instituição com a qual nada tem a Junta nem póde ter atentas as circunstancias em que foi creada e constam do proprio regulamento.

A *Créche*, disse ainda o mesmo vogal, não corresponde, além disso, ao fim que determinou a sua fundação pelo completo abandono a que foi votada por parte da comissão instaladora, onde aliás ha pessoas da maior respeitabilidade. Quasi desde o principio que a *Créche* deixou de funcionar como devia ser e o regulamento manda que funcione. Chegou á ultima e, o que é mais, está prejudicando os outros concelhos do distrito que não teem obrigação nenhuma de dispender um ceitil só que seja para esse instituto de iniciativa puramente particular. No seu entender, Edmundo Machado, aveirense ilustre, é digno que, pelas suas virtudes e pelo bem que fez ás classes pobres, se lhe perpétue a memoria. Como dever se associa tambem a ele. Mas o que a comissão executiva da Junta Geral não póde é permitir que dos fundos do Asilo sáia qualquer verba para ser aplicada a socorrer meninos que nunca estivéram na *Créche*, nem lá são conhecidos como de resto acontece com a comissão de 17 membros, nomeada anualmente para a administrar, 7 dos quaes escolhidos entre os cidadãos mais grados da cidade e os outros 7 entre as senhoras da sociedade aveirense, afóra o presidente da câmara e os directores das duas secções do Asilo.

Votada, como fica dito, esta proposta e não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente deu por findos os trabalhos encerrando-se a sessão pouco depois das 13 horas.

SERAFIM MÈLA

Estremecemos de comoção quando no sábado, abrindo um jornal, deparâmos com a noticia da morte deste nosso presado amigo, em Lagos, para onde havia partido a tomar posse do cargo de secretário de finanças, transferido de Anadia, em cujo concelho conquistou num periodo de mais de seis anos fundas e arreigadas simpatias.

O sr. Antonio Serafim Méla Junior, que conhecemos da Costa Nova, era o prototipo da honestidade tendo por consequencia adquerido a estima dos seus superiores que viam nêle um funcionario em tudo digno de ser considerado entre os que melhores serviços prestam ao nosso país. Franco e amavel, com que saudades nos recordam os dias que na praia passámos juntos, os bélos passeios, as *chinchadas* da encantadora Costa Nova, tanto da sua predilecção, e o *rendez-vous*, á noite, na *sr.ª Antoninha* de que ele era frequentador assiduo e um dos melhores freguêses de *restaurant!*

Morreu o Méla! Com que saudade pronunciâmos estas palavras! Que tristeza nos invade o coração ao recordarmo-nos que não mais o tornaremos a vêr, que para sempre desapareceu esse verdadeiro homem de bem e amigo dedicado!

Sobre a campa de Serafim Méla nos curvâmos sincéramente compungidos. Que descance em paz; na paz do tumulo onde tudo acaba e se somem menos a memoria que da sua passagem por este mundo dele nos fica.

A' enlutada familia sentidos pêsames.

O SAL

Tem estado em Aveiro a preço de 32$00 o vagon.

Acontecimentos

Por causa da pendencia entre os srs. Afonso Costa e Antonio José de Almeida, a que noutro logar desta folha se faz alusão, publicando os respectivos documentos, e ainda pela asperêsa das frases e invectivações que no Parlamento os deputados se tem permitido usar, deram-se anteontem e ontem casos de todo o ponto lamentaveis que na nossa qualidade de republicanos e patriotas não podemos admitir que se repitam a menos que tenha desaparecido o pudor daqueles a quem responsabilisâmos pelo estado ultra degradante a que chegou a politica em Portugal. O que se está passando dentro e fóra do Parlamento, na imprensa como nas reuniões partidarias não honra o regimen nem prestigia a Republica.

E' preciso pôr cobro, mas quanto antes, a esse lavar de roupa suja em que andam empenhados muitos que constituiam uma esperança para o nosso país e eram vistos atravez de todos os prismas, como o verdadeiro sol redentor iluminando uma Patria, com direito a progredir e a marcar logar de destaque no concerto das nações.

Acabe-se, e por uma vez, com essas lutas de odio, de rancor em que andam envolvidos os chefes republicanos com verdadeiro aprazimento dos scelerados propagandistas da restaução monarquica. Assim não póde ser, assim não póde continuar. Para honra da Republica, haja um pouco de calma, haja um pouco de reflexão! Exige-o um povo inteiro. Reclama-o, em altos brados, a consciencia nacional. Impõe-no o dever que aos verdadeiros republicanos assiste de não desmanchar o que tanto custou a construir. Tenham juizo. Tenham prudencia. Sejam ponderados. Ou estamos irremediavelmente perdidos.

CONVERSA AMENA

Foi na sexta-feira ao cair da tarde. Já não havia sol a iluminar o horisonte e da torre da paroquial da Gloria ouviam-se, sonorosas e cadentes, as Avé-Marias que convidam os catolicos á oração e ao recolhimento. Tinhamos ceiado. E uma vez na rua eis que ao dobrar da esquina se nos dirige um cavalheiro, por sinal de minusculas proporções—os homens não se médem aos palmos—que declinando a sua identidade de correspondente em Aveiro da *Lucta* desejava saber se o termo *adonis* com que aqui o designámos, frase de todo o ponto *equivoca*, acrescentou, teriam ou não outra significação que não fosse aquela que lhe havia dado, fazendo-o indignar... *Adonis* era o Zé Maria (não confundir com o do *orgão dos taberneiros*) e esse...

—Não precisa pôr mais, acudimos. *Adonis* era efectivamente o celebre José Maria, de Ilhavo, *que Deus tem*, o qual, segundo supomos, não deixou descendentes... cá... Nestas condições como é que se póde alguem sentir melindrado, e mórmente o correspondente da *Lucta*, por lhe chamarem *adonis? Adonis!* Pois não sabe o correspondente que a palavra *adonis* significa *mancebo gentil, rapaz ou moço galante e presumido, janota* emfim? E isso póde ofender qualquer, o correspondente da *Lucta* ou seja quem fôr?

A resposta não se fez esperar. Estava explicado o caso. Mais duas trêtas e cada um desanda, sentido oposto, ao seu destino.

Uff! Como Aveiro, é cheio de susceptibilidades! Até o correspondente da *Lucta!* Até ele nos quiz mostrar que é homem para outro homem!

Seja tudo pelo divino mestre e em desconto dos nossos pecados, que são grandes, no dizer das beatas sem relutancia de agravar a Deus...

A QUESTÃO VINICOLA DA BAIRRADA

Teve logar no domingo, na Mealhada, um grande comicio para se tratar da justa defêsa dos interesses vinicolas da região, ameaçados pelas medidas que o Douro reclama, entre as quaes se alvitrou a proibição da entrada no Porto dos vinhos do sul, compreendendo assim a Bairrada, que na capital do norte tem tido até agora um dos seus melhores mercados.

Ao comicio, que se efectuou na vasta praça de touros, assistiram representantes de todos os concelhos que fazem parte da região da Bairrada, como Anadia, Mealhada, Oliveira do Bairro e Cantanhede, contando-se por alguns milhares o numero de cidadãos que a ele estavam presentes.

A presidencia da reunião foi confiada ao ilustre deputado por este circulo sr. dr. Julio Sampaio Duarte, tendo a assembleia resolvido, em seguida aos discursos de diversos oradores, apoiar a proposta apresentada pelo sr. dr. Jaime Vilares, redigida nos seguintes termos:

Proponho que seja nomeada uma comissão que vá a Lisboa entregar ao govêrno as reclamações do povo da Bairrada, reunido neste comicio:

1.º se fôr delimitada a região duriense, que a linha divisoria seja o Mondego, ficando o país dividido nas regiões vinicolas norte e sul, excluindo o Dão, emquanto tivér os privilegios actuaes.

2.º elaborar de tratados de comercio que facilitem a exportação dos nossos vinhos, tanto generosos como de consumo.

3.º estabelecimento de carreiras nacionaes para o Brazil e Africa, onde os nossos vinhos terão *bonus* de transporte e será assegurada a sua não adulteração durante a viagem.

4.º construção do porto de Buarcos, na Figueira da Foz, o qual, sendo de custo relativamente pequeno pelo aproveitamento da baía de Buarcos, servirá não só todo o centro de Portugal, mas ainda uma parte da Espanha.

5.º estabelecimento de uma escola movel agricola na Bairrada, com tecnicos que ensinem o lavrador a fabricar os seus vinhos saindo da anacronica rotina em que se encontra, e criando vinhos tipicos de consumo.

6.º delimitação da região agricola da Bairrada, constituida pelos quatro concelhos: Anadia, Oliveira do Bairro, Mealhada e Cantanhede, segundo o regimen já estabelecido para as regiões vinicolas do Dão, Bucelas, Colares, etc.

7.º estabelecimento da concessão de *bonus* nos transportes aos sindicatos agricolas que lhe foram injustamente retirados.

8.º adoptar com urgencia medidas eficazes e energicas contra as actuaes falsificações e adulteração dos vinhos e suas marcas, exercendo rigorosa fiscalisação, em especial nos vinhos de exportação para o Brazil e colonias.

9.º solicitar do govêrno proteção e subsidios para a propaganda dos vinhos feita pelos delegados dos sindicatos que pretendem percorrer os mercados estrangeiros, auxiliados pelos nossos agentes consulares.

O *Democrata*, associando-se ás justas reclamações da Bairrada aqui deixa expressos os votos que faz porque o govêrno as atenda no proprio interesse do fomento agricola em que todos nos devemos empenhar.

Lixivia higienica

Assim se chama um novo preparado que tem por fim substituir, com vantagens, o sabão e o cloreto usado pelas lavadeiras tanto nas roupas como na esfrega das casas e que se vende ao preço de 16 centavos cada garrafa de litro na *Barbearia Aveirense* de que é proprietario e unico depositante nesta cidade o sr. Manuel Pires Soares.

Agradecemos a amostra que nos foi enviada.

Entre dois chefes politicos

Uma pendencia

Documentos n.º 1

Meus queridos amigos e colégas Alvaro de Castro e Alvaro Pope:—Tendo chegado agora ao meu conhecimento o artigo de fundo de hoje do jornal *A Republica*, em que sou gravemente ofendido, peço-lhes a fineza de exigirem do ex.mo sr. Antonio José de Almeida, director dêsse jornal, uma completa retratação ou uma reparação pelas armas, para o que lhes confiro os mais amplos poderes.—Saude e fraternidade.—Lisboa, 12 de junho de 1914, ás 23 horas. —*Afonso Costa.*

N.º 2

Ex.mos srs. Alvaro de Castro e Alvaro Pope:—Tenho a honra de enviar a v.as ex.as a inclusa carta que, por meu intermedio, lhes remete o ex.mo sr. dr. Alfredo Pimenta, dando assim cumprimento á missão de que ontem me incumbi perante v.as ex.as—Sou com toda a consideração, de v.as ex.as at.º ven. obg. —*Antonio José de Almeida.*

N.º 3

Lisboa, 13 de junho de 1914 —*Ex.mos srs. Alvaro de Castro e Alvaro Pope:*—Tendo conhecimento, hoje, de que v.as ex.as procuraram, ontem, á noite, o meu querido amigo dr. Antonio José de Almeida, a fim de saberem quem era o autor do artigo publicado na *Republica* de ontem, intitulado *O Partido dos Escandalos*, cumpre-me declarar a v.as ex.as que fui eu quem o escreveu, no pleno exercicio da minha liberdade de comentador dos acontecimentos, e usando da autonomia que, honrosamente, me é concedida pelo director do jornal sr. dr. Antonio José de Almeida. Evidentemente, que neste caso, assumo plenamente as responsabilidades dos termos e intenções dêsse artigo—qualquer que seja o campo em que élas me sejam exigidas, excepto o do duelo, porque a éssa maneira de liquidar questões sou adverso, desde que integrado numa determinada escola filosofica, procuro harmonizar os meus actos com os meus principios. Tenho assim defendido, por exemplo, a orientação que o dr. Antonio José de Almeida deu ao problema, instituindo os tribunaes de honra, o que simplesmente comprova éssa minha orientação. Sou de v.as ex.as com a maior admiração, muito at.º vend. e obg. —*Alfredo Pimenta.*

N.º 4

Ex.mo sr. dr. Antonio José de Almeida, director do jornal A Republica:—Acusamos a recepção da carta de v. ex.a, acompanhada de uma outra, aberta, em que terceira pessoa, aceitando a autoria do artigo ofensivo, se esquiva desde logo, terminantemente, a qualquer pendencia de honra. Nada temos senão com v. ex.a; sendo além disso doutrina estabelecida nos respectivos codigos, que o director do jornal é quem responde pela ofensa nêle inserta, quando aquêle que se apresenta como autor do artigo se recusa ao duelo qualquer que seja o pretexto (Croabbon, *La science du point d'honneur*, ed. de 1894, pag. 89 e 94), vimos insistir com v. ex.a para que nomeie as suas testemunhas, a fim de ter seguimento a pendencia a que v, ex.a foi chamado pelo nosso constituinte, o ex.mo sr. dr. Afonso Costa.—De v. ex.a at.os e vend.—Lisboa, 13 de junho de 1914 — Rua do Seculo, n.º 142 — (aa) *Alvaro Castro, Alvaro Pope.*

N.º 5

Ex.mos srs. Alvaro de Castro e Alvaro Pope:—Ontem, a hora adeantada da noite, recebi a carta em que v.as ex.as dizem insistir para que eu nomeie testemunhas com o fim de se entenderem com v.as ex.as em qualquer pendencia que desejam dirimir por parte do ex.mo sr. dr. Afonso Costa. Principiando por declarar que a palavra *insistir* me parece descabida, pois que é esta a primeira vez que v.as ex.as me pedem para eu nomear testemunhas, tenho a dizer a v.as ex.as que não as nomeio pela razão simples de que sou irreductivelmente adverso á pratica dos duelos, como o tenho afirmado bem alto no parlamento e na imprensa e o demonstrei de maneira iniludivel quando fui ministro do govêrno provisorio, instituindo os Tribunais de Honra e proibindo formalmente aquéla especie de desafios. Assumo, solidarizando-me com o meu ilustre companheiro de redacção, Alfredo Pimenta, a responsabilidade do artigo intitulado *Partido de Escandalos* escrito a proposito da concessão das quédas de agua de Rodam, e assumo-as em todos os campos com excepção daquêle em que os meus compromissos de honra me impedem de intervir. Cumpre-me declarar a v.as ex.as que, fóra desse campo, prontamente e da melhor vontade corresponderei a todos os desforços pessoais que o ex.mo sr. dr. Afonso Costa queira tomar, por mais violentos que sejam, usando para com ele de fórma e meios identicos áqueles de que s. ex.a lançar mão. Esta deliberação é, como não podia deixar de ser, definitiva e terminante. Reservando-me o direito de publicar esta carta quando o entender necessario, e o de apreciar largamente pela imprensa o incidente que lhe deu origem, sou de v.as ex.as at.º e vendr. — Lisboa, 14 de junho de 1914.— *Antonio José de Almeida.*

Carta ao dr. Afonso Costa

Ex.mo sr. dr. Afonso Costa, querido amigo:—Lisboa, 14 de junho de 1914.—No desempenho da honrosa missão que v. ex.a nos conferiu, procurámos na noite de 12 do corrente o ex.mo sr. dr. Antonio José de Almeida, a quem apresentámos a carta que v. ex.a nos havia dirigido (documento n.º 1). S. ex.a, depois de a lêr, disse-nos: *A'manhã responderei a v.as ex.as. Preciso ouvir o autor do artigo.* Ontem, 13, recebemos do mesmo senhor a carta junta (documento n.º 2), acompanhando uma outra (documento n.º 3). Em vista do estabelecido nos codigos de honra, novamente nos dirigimos ao sr. A. J. de Almeida (documento n.º 4). Hoje, 14, recebemos do citado senhor a carta que tambem enviamos a v. ex.a (documento n.º 5). Começa o sr. Almeida por declarar que lhe parece descabida a palavra *insistir*. Esquece-se o mesmo senhor de que, quando com ele nos avistámos, lhe não perguntámos se ele era o autor do artigo, e, no caso de o não ser, quem dele tomava a responsabilidade. Limitámo-nos a apresentar a carta de v. ex.a (documento n.º 1), que é tudo o que ha de mais claro como cartel de desafio directo. Se o sr. Almeida quizésse arredar a sua responsabilidade, teria, desde logo, indicado o autor do artigo, a quem, se fosse pessoa de qualidade, imediatamente nos dirigiriamos, e só procurariamos de novo o sr. Almeida se o indicado autor do artigo se escusasse á pendencia. Por isso, a palavra *insistir* parece-nos absolutamente cabida:—*il faut toujour répondre á un envoi de témoins par une constitution de temoins (Croabbon) devoirs des adversaires vis-à-vis les témoins).* Descemos a estas minucias para v. ex.a vêr que procedemos com a devida correcção e propriedade na aplicação do termo *insistir*. Afirma depois o sr. Almeida que assume as responsabilidades do artigo ofensivo em todos os campos, *menos no do duelo*, por este ser contra os seus compromissos de honra! Mas não é contra os seus principios, nem contra os seus compromissos de honra, ofender ou consentir que outrem ofenda no jornal de que é director! Ofende, mas esquiva-se depois á reparação devida e usada entre homens de honra! A's criaturas que procedem désta fórma chamam **Croabbon** e **Chateauvillard:** *invalides de l'honneur*; e não seremos nós quem lhes mude o epiteto. A recusa do sr. Almeida a bater-se em duelo tem a agravante de que o mesmo senhor já tomou parte em pendencias liquidadas por esta fórma — como testemunha, é certo — (duelo á espada, realizado em 14 de julho de 1908, nas proximidades de Lisboa); e assim reconheceu a legitimidade da solução de pendencias no campo da honra. Demais, sendo o sr. Almeida testemunha, estava obrigado a tambem se bater se surgissem cértas circunstancias no decurso da pendencia, não podendo, néssa altura, socorrer-se da declinatoria da mudança de principios.

Agora compreendemos nós o verdadeiro significado que o sr. Almeida atribuiu á criação e defêsa dos tribunais de honra hoje extintos: o de colocar-se por detraz deles para não responder pelas ofensas no unico campo onde essa responsabilidade póde sériamente assumir-se. Alega ainda o sr. Almeida que *fóra dêsse campo (o do duelo) prontamente e da melhor vontade, corresponderá a todos os desforços pessoais que o ex.mo sr. Afonso Costa queira tomar, por mais violentos que sejam...* Estamos entendidos. Desde que não quer o duelo está claro que anceia por um combate extremamente violento...

Escusamos de dizer que v. ex.a deve considerar definitivamente encerrada esta pendencia, visto que á unica reparação a que v. ex.a tinha direito se esquiva o sr. Antonio José de Almeida. Depois do que se passou, fica a v. ex.a vedado, e a todos os homens de honra, tomar em qualquer campo responsabilidades áquêle sr. — Saude e fraternidade. — *Alvaro de Castro, Alvaro Pope.*

MOVIMENTO DE COMBOIOS

—(*)—

Estando, ao que parece, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses na disposição de suprimir no horario de verão, que breve entra em vigor, o comboio n.º 1517 formado no Porto e com estação terminus nesta cidade, além de não estabelecer paragem ao novo rapido 53, agora creado, o presidente da comissão executiva da Junta Geral apressou-se a enviar para Lisboa os seguintes telegramas:

Ex.mo Ministro do Fomento

Lisboa

Peço a V. Ex.a providencias imediatas para que a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses altere o novo horario fazendo parar na estação de Aveiro os comboios n.os 1517, que ha muitos anos se prolongava a Aveiro e o rapido 53 agora creado. Sem o comboio 1517 Aveiro não tem comunicação com o Porto durante seis horas o que causa grâves prejuizos.

O presidente da Comissão Executiva da Junta Geral

(a) **Marques da Costa**

—=—

Direcção dos Caminhos de Ferro Portuguêses

Lisboa

Não posso deixar de lamentar a pouca consideração que V. Ex.as ligaram ao pedido desta Junta Geral para que o comboio 8 começasse a parar na estação de Estarreja, que pelo novo horario continua a não ter paragem naquela estação com grave prejuizo para tão importante concelho. Egualmente deixa de vir até Aveiro o comboio 1517 que sempre veio o que causa grave transtorno deixando tambem de ter paragem o novo rapido 53, nesta cidade. Se justas reclamações e interesse publico merecem de V. Ex.as alguma atenção ouso pedir remedio imediato para tal estado de coisas.

O presidente da Comissão Executiva da Junta Geral

(a) **Marques da Costa**

Por sua vez, consta-nos terem tambem telegrafado no mesmo sentido, a Associação Comercial e a Câmara pelo que é de presumir que a Companhia, reconsiderando, não deixe de atender aos interesses dúma terra que tantos lucros lhe dá.

Notas mundanas

Efectuou-se no meado da semana passada em Albergaria-a-Velha o registo do nascimento de mais uma filhinha do nosso amigo Antonio Constantino de Brito, farmaceutico em Alquerubim.

A neofita, a quem apetecemos interminaveis venturas, recebeu o nome de Maria Luiza, testemunhando o acto, seu avô paterno, Alfredo Cezar de Brito e o bemquisto capitalista e nosso assinante, sr. Manuel Dias dos Reis.

=Regressou de Gandaras de Carnide a Sant'Iago de Cacem, o sr. José Domingues Guerra.

=Por ter fracturado o pulso do braço esquerdo esteve alguns dias bastante encomodado na sua casa de Lisboa, o sr. José Rodrigues Ferreira, a quem apetecemos pronto restabelecimento.

=Deu-nos o prazer da sua visita, o sr. Antonio Teixeira da Silva, acreditado farmaceutico em Macieira de Cambra e vereador da câmara municipal.

=Regressou de Cabinda, (Africa Ocidental) a esta cidade, o nosso conterraneo, sr. Luiz Simões Peixinho, presado irmão da sr.a D. Luiza Candida de Almeida Peixinho.

Cumprimentamo-lo.

=Com sua esposa e interessante filha veio do Luzo o sr. Luiz Cunha que em bréve segue para a sua casa da Barra.

=Abraçámos na terça-feira nésta cidade o nosso velho amigo e conterraneo, dr. Antonio do Nascimento Leitão, distinto medico militar, que de Paris tinha chegado ha dias a Lisboa. O dr. Antonio Leitão partiu na quarta-feira para o Porto donde segue até á Suissa e outras terras estrangeiras a continuar os seus estudos scientificos.

Felicidades.

=Acompanhado de sua familia, chegou á sua casa de Eixo, que habitará, como de costume, durante o estio, o sr. Clemente Nunes de Carvalho e Silva, estimavel e antigo republicano.

=Tambem hoje conta chegar á Quintã do Loureiro afim de passar junto dos seus alguns dias, o sr. José Antonio Dias de Oliveira, acreditado negociante em Sarilhos Pequenos.

=Do Porto, onde ha bastantes anos residia, retirou para Gavião, sua terra natal, o sr. Mateus de Matos Valerio, nosso presado assinante e socio da União Comercial.

=Está em Melgaço o sr. José Simões de Mélo.

=Consorciou-se ontem com a sr.a D. Maria Marques da Silva, prendada filha do nosso amigo e antigo republicano, sr. Manuel Marques da Silva, o sr. Francisco Soares, aspirante a oficial e filho do professor do liceu, sr. dr. José Rodrigues Soares.

A cerimonia revestiu caracter intimo, saíndo em seguida os noivos para fóra a passar a lua de mel.

Muitas felicidades.

O amor da Patria

—(*)—

Não podemos passar nêsto momento angustioso sem recordar o torrão que nos serviu de berço, e que é o risonho Portugal! Quando proferimos este nome, vangloriamo-nos de pertencer á patria de Camões, e nas veias o sangue como que nos vivifica a energia para vivermos em terras longinquas, separados dos amigos, do lar e da Patria; quando o proferimos do nosso coração de patriotas emanam lagrimas de ternura para suavisar as agruras da vida, dolorosa néstas terras boreaes.

Quem ha que possa esquecer os ternos e dôces osculos da mãe extremosa, os afagos e carinhos dum pae e o estremecimento de irmãos dedicados? Quem ha que possa esquecer a intima convivencia com amigos honestos e gratos, que muitas vezes nos prodigalisaram auxilios indispensaveis para o nosso bem pessoal, para pesquisarmos—quantas vezes? — infortunios tamanhos que parecem mentiras sonhadas? Ninguem.

Ser patriota, é viver restricto á sua nacionalidade, á terra que lhe deu o sêr e ouviu pela primeira vez os gemidos compassivos da creança recem-nascida; é viver submisso á sua constituição, acatando-a e conformando-se com os seus deveres de cidadão recto; é gloriar-se com os feitos e victorias de Aljubarrota, Ourique e Val-de-Vez e, seja qual fôr o meio social em que viva, engrandecer a sua patria, desde o fundador da monarquia até aos dias jubilosos da nossa florescente Republica; é, se fôr necessario, sacrificar a sua vida, a sua reputação e os seus haveres, para a defender das sangrentas garras dos inimigos, que actualmente a ameaçam de morte, mas que ao menor sinal de contesto, as encolhem já amedrontados.

Não seguimos a devisa ridicula dos nomadas *ubibene, ibi patria*, não, porque é cégo o amor que dedicamos ao pais onde vimos com os olhos da inocencia o rio serpeando pelos montes escarpados e calvos, e pelos campos floridos e verdejantes, rugindo pelas encostas daquêles e correndo placido pela planeza destes, até se lançar nas aguas azuladas do Oceano; onde vimos hasteada a bandeira victoriosa da nação, batida pelas ventanias, mas sempre firme no seu posto de gloria; onde vimos e ouvimos vibrar entusiasticamente os sons e as notas melodiosas do hino da nossa mãe patria; onde vimos o astro-rei, a lua, as estrelas, os planetas e os cometas, brilhar beneficamente na abobada anilada do firmamento; onde vimos a atmosféra, ora carregada de pesado luto, ora despida déssa roupagem tristonha.

Patria querida, somos teus filhos, ainda que exilados e indignos. Se és mãe, acolhe com bondade os desafôros dos antipatriotas, as queixas rancorosas contra os grandes homens que te governam, assumindo as tuas responsabilidades, as blasfemias dirigidas contra a tua constituição, pois nésta terra onde cresce a saborosa manga, a palmeira e a doce sapotilha, e onde se ouvem os ternos cantos do sabiá, vivem filhos teus que te teem como madrasta, pois são teus filhos degenerados, movendo-te por isso guerra encarniçada.

Para esses, pedimos-te lhes perdoes, porque não sabem o que fazem e crêmos que, no teu coração de mãe, para todos existe perdão, mesmo para aquêles que se desprezam de te pertencer, esquecendo-te e abandonando-te. Mas para que duvidar? Sim, és mãe, e a prova déste-a amnistiando os rebeldes, insurrectos contra o teu progresso na civilisação e prestigio na sciencia.

Somos patriotas e é aqui que o vimos jurar. Nas nossas veias gira sangue português e não sangue desnaturalizado.

A nossa estirpe é honrosa, graças aos nossos antepassados, que se aventuraram a certar mares nunca dantes navegaeos, dobrar cabos e circundar continentes, levando por toda a parte, a civilisação e os costumes.

Podemos ufanar-nos de que já fomos a primeira nação mundial e se o não somos hoje, é devido ás colonias, e á carestia de homens competentes para se colocarem á testa do govêrno dos Esta dos.

Patria, dôce Patria, aqui vimos jurar que te amamos com todas as véras da nossa magnanimidade, que somos teus filhos predilectos, que damos o nosso sangue para te vêrmos sempre independente e prospera, que bemdizemos os grandes vultos da actualidade, como é por exemplo, o eminente estadista sr. Afonso Costa.

E' a ele para quem voltamos agora o nosso espirito liberal; mas como somos inaptos para avaliar as suas inegualaveis qualidades de habil ministro, torna-se melindroso elogiar tão insigue personalidade.

Resta-nos ao menos engrandecer a sua administração financeira, chamando para éla a atenção de todo o universo.

Pará, 26 de maio de 1914.

Manuel Rodrigues Lourenço
Avelino de Almeida
José Rodrigues Lourenço
Antonio Nunes Ferreira Ramos.

«Afinal, o batalhão expedicionario aos *pinheiraes da Gafanha rentes ao mar*, não chegou a lançar a pedra fundamental da *patria nova* nésta *formosa e livre cidade dos canaes.*

Quem julgou vir assistir áquéla terrivel scena de sangue que havia de *destruir a monarquia por um implacavel ataque dos que não são sectarios mas patrioticas vontades apostadas*, enganou-se.

Os homens da *papoila*, o *feio bicho que as mulheres julgam comestivel*, chegaram, apearam-se, sacudiram o pó da estrada, e internaram-se... nas *egrejas.*

Aqui de fronte, que reinação! Por aí a baixo, nem uma *capéla* sem romeiros, nem uma *ermida* sem devotos!

Ah! que se a republica tivéra para esses a fórma dum tonel, estava conquistada!»

(Do *Camaleão*, de 23 de Junho de 1909)

Rebate falso

No domingo haviam de ser aproximadamente 20 horas deu a torre dos Paços do Concelho sinal de alarme chamando os socorros dos bombeiros para a rua do Gravito onde se dizia haver fogo, o que se não confirmou.

Chegaram a saír as duas companhias com o respectivo material, mas retrocederam imediatamente.

CORRESPONDENCIAS

Pinhão, Oliveira de Azemeis, 12

A procissão de Corpus Cristi

Foi ontem dia da festa cá na localidade, festa que passâmos a descrever:

Após o fim da a missa cantada do dia formou-se o prestito saindo logo da capela em andor devidamente enfeitado de ricas sêdas, a prisca imagem do Corpo de Deus que na sua estrutura de cruxificado, as lagrimas em alto relevo no rosto descorado pela decomposição das tintas, os olhos especie de amantecidos, de vidro ordinarissimo, os cabelos empastados em oleo envelhecido pela acção do tempo, cheios de pó, mostrando um aspecto de brancos para condizer com a sua antiguidade, mais atraz debaixo de um pálio seis hastes empunhadas por egual numero de individuos todos alegres, um grupo de padres fazendo reclame ao seu mister, como de costume, joviaes, cheios de autoridade jesuitica, com o mais autentico ao meio, segurando entre as mãos uma pequena imagem e entoando logo que a musica cessava de tocar cantilenas liturgicas a que os outros respondiam no seu roncar carateristico...

Depois vários outros ornamentos espavantosos, como andores embelezados a primôr, levando outras imagens, pendões etc., e uma longa fileira de cidadãos com ares joviaes de forasteiros vestindo opas de diferentes côres, empunhando velas apagadas; meninas loiras de saia á lavradeira e blusa branca,

todas envaidecidas da sua encadernação atrevida, com olhares ao mesmo tempo meigos de candura e provocadores de sensualismo mal disperto com risos galanteadores á imitação de venus, canastras a impar de vaidade e orgulho de religiosidade, sedentas de bacanaes etc...

Vamos agora á filosofia do caso: De toda a gente que assistiu ou se encorporou nesta divertida procissão, poucos, muito poucos, seriam, por convicção, crentes; muitos por *snobismo* ou humilimos respeitos humanos e a grande maioria para se destrair. Entretanto não falta quem, mistificando a verdade com o testemunho suspeito dos ingenuos e dos maus, apregõe aos quatro ventos que o povo portuguêis é, na sua maioria, catolico. Não! Entre portuguêses ha, é cérto, alguns catolicos, uns por obsecação, outros por hireditariedade, mas são mais os impostores que se acobertam com a capa da religião para servir os seus interesses nem sempre licitos de que eu não tenho feito, para a exploração da humanidade ignorante e falta de instrucção. Se o povo desta aldeia se encaminha para as romarias, a maior parte é com o intuito de ouvir a musica, os acordes alegres dos descantes populares e vêr as danças acompanhadas com sonoros desafios, por não se lhe deparar outros espectaculos mais alegres.

Um romeiro

✠

Idem, 14

Em Pindelo, logar da Lavandeira, os fanaticos foram a uma propriedade pertencente ao sr. Inacio de Oliveira e danificaram-lhe uma grande quantidade de eucaliptos, isto segundo informou o mesmo. Se realmente é verdade, só em Marrocos é que se vê tal vandalismo.

= Acham-se entre nós, vindos de Lisboa, os srs. Augusto Ferreira da Costa e sua ex.ma esposa bem como seu mano Eduardo Ferreira da Costa, filhos do nosso amigo e conceituado comerciante deste logar sr. Manuel Ferreira da Costa.

C.

✠

Ois da Ribeira, Agueda, 14

Tem sido esta freguezia uma das que mais se tem salientado na propaganda republicana-democratica no concelho de Agueda e que pronta sempre esteve a defender as instituições e os correligionarios da vila. Estes, porém, é que parece não corresponderem aos nossos sacrificios tal despreso teem votado áqueles que não exitam em beneficiar a Republica e incondicionalmente apoiam esse grande estadista que se chama Afonso Costa.

Os republicanos da freguezia de Ois, sempre desprendidos do favoritismo pessoal, teem acatado e defendido todas as leis da Republica que querem vêr integralmente cumpridas, mas que um vento de insania que por estes sitios tem pairado, não deixa que assim suceda muito embora isso seja um verdadeiro atentado contra o regimen.

Os caciques, os antigos caciques, afinal, é que são tudo. Ainda no preterito mez de outubro, mandou o padre que vai dizer missa por conta dos reaccionarios ali ao visinho logar de Cabanões *tirar a capela* de porta em porta sem consideração alguma pela cultual que aqui está formada. O regedor deu parte á administração, esta formou um processo que apresentou em juizo com as respectivas testemunhas, mas até agora... nada!

Será isto uma Republica? Ou será uma monarquia nefasta e corrupta igual á que esse *Trinta Diabos* por longos anos dirigiu no nosso concelho?

Reparae, republicanos, para este quadro negro...

J. P.

✠

Palhaça, 17

Um negocio de compadres

No dia 22 de Março proximo passado e na ocasião da missa foi o povo convidado para, ás 11 horas, reunir em parte incerta da freguezia afim de resolver sobre a compra de uma faixa de terreno junto á feira. O povo assim convidado ficou na duvida do logar orde se deveria efectuar a reunião. Pensaram alguns individuos e muito bem que a reunião seria junto ao terreno a comprar e ali apareceram á hora indicada.

A junta, apezar de ter mandado dar o recado e de ter já resolvido por si a quantidade de terreno que devia comprar e o preço por que devia pagal-o, não apareceu. E não apareceu pela razão de que o presidente da junta, que assistia perto a uma arrematação de lenha, viu no local individuos que não votavam a compra da faixa do terreno, e a junta tinha resolvido comprar aquéla faixa. Porque na freguezia sabia-se positivamente que, se o povo votasse a compra de todo o terreno, a junta não compraria nenhum. Estava, portanto, o negocio feito antes da reunião, mas a praxe era indispensavel e ás 16 horas do mesmo dia, e saindo da taberna do presidente um reduzido numero de individuos lá foram vêr e vôtar a compra da faixa de terreno em questão. E' assim despido do respeito pela lei, de tudo e de todos troceando com um cérto cinismo que realça a má educação, que o presidete da junta resolve fazer este negocio. Não tem a quem dar contas e tem o cofre da junta cheio de dinheiro, não lhe custa nada fazer o que a vontade lhe pede. A questão é que destes negocios trapaceiros lhe resulte alguma remuneração. Depois riem-se ainda por cima e dando a prova do que são traidores e reaccionarios, escrevem e colocam nas paredes papeis désta natureza:

ANUNCIO

Viva a monarquia Portuguêsa! Viva o Paiva Couceiro! Viva D. João de Almeida! Viva o padre Domingos! Vivam todos os presos! Viva Domingos Ferreira da Silva!

Dizem qne Domingos Ferreira da Silva, que roubou firmas, é sempre Domingos Ferreira da Silva chefe do partido evolucionista. Diz este cidadão que os negocios da junta hão-de ir por diante, que tem gente para muito mais —quem póde manda e quem manda póde. Os republicanos são uns podengos e... borra botas.

Olhem para isto todos os que tem obrigação de vêr. Que tem gente para muito mais, dizem eles. E' preciso que não vão na rede os que tivérem de julgar os máus actos destes reaccionários, destes monarcões que se cobrem com a capa do evolucionismo. O autor do anuncio ama cegamente a monarquia e os homens que a defendem, sendo em tempo chamado a Aveiro para declarações. E' muito da casa do visconde de Bustos, e sendo um leigo, foi de todos os presos o mais feliz por dormir pouco tempo na esquadra e depois no convento das Carmelitas. As benevolencias que nesses tempos tivéram para com ele embruteceram-no a ponto de lhe chamarem um heroe das guinadas, taes são os disparates que de vez em quando faz.

C.

✠

Castélo de Paiva, 15

No nosso districto, e principalmente no nosso concelho, a Republica deu o que tinha a dar!...

Desde a sua implantação o que se tem visto por aqui?

Ainda que com grande magoa, não podemos deixar de dizer: assassinatos, roubos, a lei calcada aos pés, sem que a autoridade respectiva cumpra, pelo menos, aparentemente, com o primeiro dever de cargo.

A' falsa e nogenta politica que se está fazendo cumpre dizer-se sem demora: basta!

E' do conhecimento das repartições superiores os factos que se estão passando e que envergonham o certanejo concelho?

Ao digno chefe do distrito pedimos urgentes providencias.

Cumpra-se a lei, e desmintam-nos se são capazes.

C.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

JUNHO

DIAS	PHARMACIAS
21	BRITO
28	REIS